

Exame das Comunicações Mediúnicas que nos enviam

Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Allan Kardec

Muitas comunicações nos foram enviadas por diferentes grupos, pedindo conselho e julgamento de suas tendências, já, como umas poucas, na esperança de publicação na *Revista Espírita*. Todas nos foram mandadas com a faculdade de dispor das mesmas como melhor entendêssemos para o bem da causa. Fizemos o seu exame e classificação, e não fiquem admirados da impossibilidade de publicá-las todas, quando souberem que além das já publicadas, há mais de 3.600 que, por si só, teriam absorvido 5 anos completos da *Revista*, sem contar um certo número de manuscritos mais ou menos volumosos dos quais falaremos adiante. A súmula deste exame nos fornecerá tema para algumas reflexões, que cada um poderá aproveitar.

Separando o Joio do Trigo

Em grande número encontramos-las notoriamente más, no

fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos que as assinam. Publicá-las teria sido dar armas à crítica. Circunstância digna de nota é que a quase totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados e não de grupos. Só a fascinação poderia levá-los a ser tomados a sério, e impedir se visse o lado ridículo. Como se sabe, o isolamento favorece a fascinação, ao passo que as reuniões encontram controle na pluralidade de opiniões.

Reconhecemos, contudo, com prazer, que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria. A maioria das outras encerra bons pensamentos e excelentes conselhos, mas não se negue que todas sejam boas para publicação, pelos motivos que vamos expor.

Os bons Espíritos ensinam mais ou menos a mesma coisa

por toda a parte, porque em toda a parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar. Eis um dos caracteres distintivos do Espiritismo; geralmente a diferença está apenas na maior ou menor correção e elegância de estilo. Para apreciar as comunicações, relativamente à publicidade, não podem ser vistas de seu ponto de vista, mas do do público. Compreendemos a satisfação que se experimenta ao obter algo de bom, sobretudo quando se começa; mas além de que certas pessoas podem ter ilusões relativamente ao mérito intrínseco, não se pensa que há centenas de outros lugares onde se obtêm coisas semelhantes; e o que é de poderoso interesse individual pode ser banalidade para a massa.

Além disso, é preciso considerar que, de algum tempo para cá, as comunicações adquiriram, sob todos os respeitos, proporções e qualidades que deixam muito para trás as que eram obti- ▶

das há alguns anos. Aquilo que então era admirado, parece pálido e mesquinho junto ao que se obtém hoje. Na maioria dos Centros realmente sérios, o ensino dos Espíritos cresceu com a compreensão do Espiritismo. Desde que por toda a parte, são recebidas instruções mais ou menos idênticas, sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades destacadas como forma e como alcance instrutivo. Seria, pois, ilusão crer que toda mensagem deve encontrar leitores numerosos e entusiastas. Outrora, a menor conversa espírita era novidade e atraía a atenção; hoje, que os Espíritos e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal e habitual, e que foi distanciado pela amplidão e pelo alcance das comunicações atuais, assim como os deveres escolares o são pelo trabalho do adulto.

Temos à vista a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações, sob o título de *la Table parlante*, característico da época. Diz-se que o jornal tinha de 1.500 a 1.800 assinantes, cifra enorme para o tempo. Continha uma porção de pequenas conversas familiares e fatos mediúnicos que, então, tinham o enorme atrativo da curiosidade. Aí procuramos inutilmente algo para reproduzirmos em nossa *Revista*. Tudo quanto tivéssemos escolhido hoje seria pueril, sem interesse. Se o jornal não tivesse desaparecido, por circunstâncias que não vêm ao caso, só poderia ter

vivido com a condição de acompanhar o progresso da ciência e, se reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria 50 assinantes. Os Espíritas são imensamente mais numerosos do que então, é verdade; mas são mais esclarecidos e querem ensinamentos mais substanciais.

Se as comunicações emanassem de um Centro único, sem dúvida os leitores multiplicar-se-iam em razão do número de adeptos. Mas não se deve perder de vista que os focos que as produzem se contam por milhares e que por toda a parte onde são obtidas coisas superiores não pode haver interesse pelo que é fraco e medíocre.

Desde que por toda a parte, são recebidas instruções mais ou menos idênticas, sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades destacadas como forma e como alcance instrutivo.

O que dizemos não é para desencorajar de fazer publicações. Longe disso. Mas para mostrar a necessidade de escolha rigorosa, condição *sine qua non* do sucesso. Elevando os seus ensinamentos, os Espíritos nos tornaram mais difíceis e mesmo exigentes. As publicações locais podem ter uma imensa utilidade, sob um duplo aspecto, o de espalhar nas massas o ensino dado na



intimidade, depois o de mostrar a concordância que existe nesse ensino sobre diversos pontos. Aplaudiremos isto sempre e os encorajaremos sempre que forem feitas em boas condições.

Eclétismo nas Análises

Para começar convém delas afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne. Depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas idéias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal; mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é inclinado a supor que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; tudo está em enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em ▶

alimentar essa ilusão em certos médiuns. Por isso nunca seria demais recomendar a estes não confiar em seu próprio julgamento. É nisto que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que podem ser colhidas. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais esclarecido que todos, provaria superabundantemente a má influência sob a qual se acha.

Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal; mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais.

Aplicando estes princípios de ecletismo às comunicações que nos enviaram, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de uma moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número não há 300 para publicidade, e apenas 100 de um mérito incontestado. Essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes. Inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se se quiser atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.

Obras Mediúnicas

Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos mandaram, entre os quais, sobre 30, encontramos 5 ou 6 de real valor. No mundo invisível como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal Espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, mas incapaz de um trabalho de conjunto completo, que suporte um exame, sejam quais forem suas pretensões e o nome com que se proteja como garantia. Quanto mais alto o nome, mais obriga. Ora, é mais fácil tomar um nome que justificá-lo. Eis por que, ao lado de alguns bons pensamentos, encontram-se, por vezes, idéias excêntricas e os traços menos equívocos da mais profunda ignorância. É nestas espécies de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais freqüentes é a injunção da parte dos Espíritos de os fazer imprimir. E alguns pensam erradamente que tal recomendação basta para encontrar um editor interessado no negócio.

É em semelhante caso que um exame escrupuloso se torna necessário, se não nos quisermos expor a aprender às nossas custas. É ainda, o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudo-sábios, que se retiram forçados quando não encontram instrumentos dóceis a quem façam aceitar suas palavras como artigos de fé. A imissão desses

Espíritos nas comunicações é - fato conhecido - o maior escolho do Espiritismo. Todas as precauções são poucas para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Os Espíritos são imensamente mais numerosos; mas são mais esclarecidos e querem ensinamentos mais substanciais.

Em resumo, publicando comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil. Publicando as que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade. Um caso cuja publicação é intempestiva e, por isso, prejudicial. Cada coisa deve vir a seu tempo. Várias delas que nos são dirigidas estão neste caso e, posto que muito boas, devem ser adiadadas. Quanto às outras, acharão seu lugar conforme as circunstâncias e o seu objetivo.



Adaptado do Artigo:

1) Exame das Comunicações Mediúnicas que nos enviam. Kardec, Allan. *Revista Espírita*. Maio de 1863. Páginas 153 à 156. Tradução de Júlio Abreu Filho. Ed. Edicel.